

LITERATURA INFANTO-JUVENIL, A PRÁTICA DE LEITURA NA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR

META

Discutir a relação existente entre a aquisição do gosto e de hábitos de leitura e a literatura infanto-juvenil na escola.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

utilizar a literatura infanto-juvenil como instrumento de estímulo à aquisição do gosto e do hábito de leitura.

desenvolver a prática da leitura crítica em sala de aula.

PRÉ-REQUISITOS

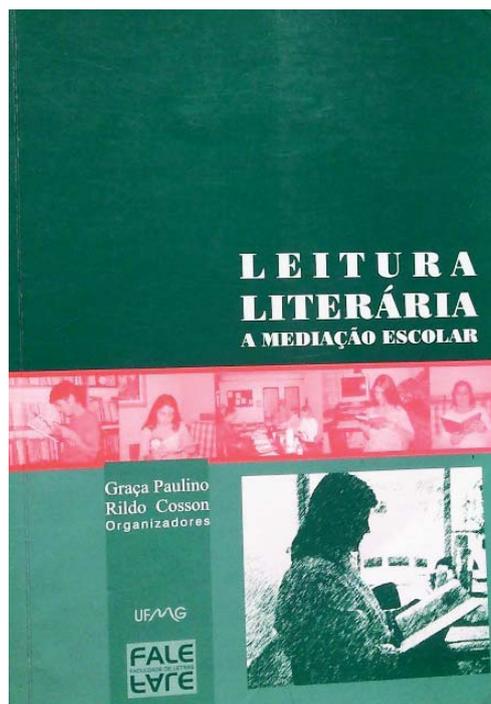
Para aproveitar melhor esta aula é importante que você tenha compreendido as aulas 1, 2, 3 e 4.

INTRODUÇÃO

“Costuma-se classificar como Literatura Infanto-Juvenil o que para elas se escreve (as crianças). Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois uma Literatura Infantil a priori, mas a posteriori.” (Meireles, 1984). Mas essas obras transmitem um conteúdo escolhido pelo adulto com seus pontos de vista; e que ele considera interessante para a criança. Numa linguagem considerada adequada à compreensão dela.

O adulto inventa uma forma e um estilo para estimular a criança a aceitar e cumprir seus desejos de forma não questionadora. O ideal, então, será classificar a obra infantil pela escolha da criança, observando o que ela prefere ler. Poderia ser um livro rico de ilustrações, capas coloridas com assunto de aniversários e festas, ou simplesmente escrito sem figuras extravagantes ou promessas irresistíveis. Basta que seja capaz de seduzir seu pequeno ou jovem leitor que o guardará na alma e na mente, para toda vida. Principalmente se sua ligação com a literatura é bem trabalhada na escola, onde quase sempre o pequeno leitor se familiariza com ela.

A prática da leitura na escola pode seguir duas direções; dependendo do modo como é conduzida sua abordagem. Pode andar na direção do educar para adaptar o leitor aos esquemas e valores defendidos (vivididos) pela sociedade, e aí exerce uma função autoritária e dominadora, ou pode optar pelo gesto de educar para libertar o leitor de suas lacunas, de seus preconceitos, de sua ignorância. De qualquer modo, haverá sempre uma tendência a “dirigir” o processo, que pode ser minimizado pela abertura para ouvir a opinião do leitor e escolher obras literárias para fundamentar o trabalho pedagógico. O fato de ser literária já predispõe uma atividade de leitura dialogada e criativa, como é a própria natureza da literatura.



(Capa do livro *Leitura literária: a mediação escolar* - Foto Antonio Flavio).

Vamos iniciar esta conversa sobre nossa prática como colaboradores na formação de nossos alunos, com a apresentação de uma bela sugestão metodológica oferecida pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC. O assunto é conhecido, mas é muito bom voltar sempre a ele, e nunca é demais falar de nós mesmos, dos nossos sonhos e realizações.

“A leitura precisa estar muito presente na sala de aula para que ela possa desempenhar papel cada vez mais importante na vida dos seus alunos. Não só na vida escolar deles, mas também na vida fora da escola. Para que isso ocorra, é importante que você goste de ler e que acredite na leitura: afinal, você é responsável pela iniciação de seus alunos nos caminhos da leitura.”

.....

“Só se aprende a ler — a ler de verdade, não meramente a decifrar letras, sílabas e palavras — em ambientes nos quais se lê. Ou seja, o desenvolvimento da leitura só ocorre se a criança interagir com leitores maduros que, lendo com ela e para ela, lhe permitem familiarizar-se com a atividade de leitura, envolver-se e desenvolver-se nela.

A escola pode e precisa ser este ambiente de leitura. Você pode e precisa ser este leitor maduro.

Lendo com e para seus alunos, você vai fazer com que eles aprendam a ler com desenvoltura. Você vai possibilitar que se familiarizem com

diferentes modos de ler: eles vão aprender a se envolver nas emoções e sentimentos que a leitura de uma boa história libera; vão posicionar-se em relação aos valores éticos que os textos apresentam. E eles vão gostar de ler, porque vão conseguir entender os diferentes textos, que lhes fornecem as informações necessárias para que aprendam o que quiserem aprender e entendam melhor o mundo em que vivem. Seus alunos vão aprender a ler bem. E vão saber usar a leitura para várias coisas: por exemplo, para entender o movimento das galáxias, para saber o que se passa em diferentes cantos do planeta Terra ou para descobrir formas de viver de uma maneira mais saudável, para aprender a fazer um bolo cremoso de fubá, para reclamar com mais eficiência de um serviço que não funciona, para escrever versos para uma pessoa muito amada, para utilizar um novo tipo de telefone ou para seguir as instruções de instalação de um eletrodoméstico. Em suma, seus alunos precisam aprender que é necessário ler — ler bem e ler muito — para entender e melhorar o mundo. E eles vão aprender isso com você!”

A leitura da obra *A Fada que Tinha Idéias*, de Fernanda Lopes de Almeida é uma ótima oportunidade de conhecer uma proposta de renovação dos métodos escolares, através da personagem Clara Luz .

Sabe-se que a literatura infanto-juvenil não nasceu sob o signo do artístico. Ela tinha acima de tudo um interesse pedagógico ou então de mero divertimento (entretenimento). Os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professores com o propósito educativo. Ainda hoje é utilizada pela pedagogia como material didático, o que causa prejuízo não só à literatura, mas à própria educação que poderá sair enriquecida se adotar a prática de considerar a obra literária como um objeto estético, capaz de influir no processo de formação e transformação do leitor, especialmente na formação do leitor mirim, completamente aberto à recepção do novo.

Uma didática fundada no diálogo e no respeito ao leitor e ao livro pode ser uma solução simples e adequada para incompreensíveis problemas de letramento constatados até mesmo nos últimos anos do Ensino Fundamental. Segundo o prof. E.T. da Silva, “Os conteúdos poéticos, porque passíveis de descoberta, são sempre pedagógicos.”

Como é possível observar no poema *O Pato* de Vinícius de Moraes, este encanto de utilização poética da língua.

O PATO

Lá vem o pato
Pato aqui, pato acolá
Lá vem o pato
Para ver o que é que há
O pato pateta pintou o caneco,

surrou a galinha,
bateu no marreco.
Pulou do poleiro no pé do cavalo,
levou um coice
criou um galo.
Comeu um pedaço de jenipapo,
ficou engasgado com dor no papo.

(Vinícius de Moraes)

“E se desde seu nascimento, a destinação escolar dos livros fazia com que a literatura para criança apóia-se, para legitimar sua existência e a regimentar seus leitores, nas instituições vizinhas da escola (quando não da própria), ou (...) desenvolvimento de ma infra estrutura cultural nos anos 60 e 70 só vai aprofundar esta relação de dependência. Com muito mais desenvoltura que a não infantil, a literatura para crianças, fiel as suas origens, presta-se bem à mediação institucional.” (ZILBERMAN E LAJOLO: 1986, p. 174)

Especialmente nas primeiras séries do Ensino Fundamental, no período de aquisição de leitura e escrita, a leitura da literatura adequada àquela faixa, é garantia de um perfeito desenvolvimento, não apenas da linguagem, mas com ela, da completa formação da criança. No segundo segmento do Ensino fundamental, fase de consolidação da leitura e escrita, a literatura juvenil pode contribuir de forma decisiva para a formação de uma consciência crítica tão necessária nos dias de hoje. A partir de uma prática de leitura sistemática, abrangente e mais complexa, a riqueza polissêmica da literatura facilita ao leitor a experiência de um exercício de liberdade, por meio de uma leitura criativa e prazerosa.

Vamos acompanhar uma leitura crítica das obras *A Bruxinha Atrapalhada*, da escritora Eva Furnari e Avental que o vento leva da escritora **Ana Maria Machado**, realizadas pela professora Alice Faria, no seu livro *Como usar a literatura infantil na sala de aula*, observando os três momentos básicos da narrativa:

A BRUXINHA ATRAPALHADA

A obra *A Bruxinha atrapalhada* é composta de várias histórias sem texto verbal, contadas por meio de quadros. A história *O Chapéu* tem 6 quadros e utiliza a técnica da tira (sem palavras) cômica, e por curta e completa, apresenta o desenvolvimento de uma ação por meio de momentos expressivos fixados em quadrinhos, como explica Luís Antônio Cagnim, em *Os Quadrinhos*. E a autora, nessa obra utiliza retângulos e aproximam-se as histórias da estrutura da anedota.



Ana Maria Machado

Nasceu em Santa Teresa, Rio de Janeiro, a 24 de Dezembro de 1941. Escritora, jornalista e artista, tem mais de 100 livros dirigidos a adultos e crianças, publicados no Brasil e em mais de 17 países (com mais de dezoito milhões de exemplares vendidos). É vencedora de diversos prêmios: como o Prêmio Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra (2001), o Prêmio Hans Christian Andersen (2000).

Em *O Chapéu* (da obra *A Bruxinha atrapalhada*) o quadro (retângulo) revela que a história se passa num jardim, usando apenas um banco em fundo branco. Ali também aparece um passarinho, personagem da magia da Bruxinha. Assim se estrutura essa narrativa:

a) Situação inicial: a Bruxinha sentada no banco, olhando o passarinho, e o gato dormindo ao lado.

b) Desenvolvimento: passou-se um tempo (o passarinho está agora pousado no banco), a Bruxinha segura a varinha e aponta os olhos para o passarinho (uma ameaça?) e o galo olha apreensivo; a Bruxinha faz a magia contra o passarinho que vai desaparecendo diante da fisionomia concentrada dela. E do olhar espantado do gato. A Bruxinha conseguiu o que deseja e um chapéu aparece no lugar do passarinho. Ela está contente e põe o chapéu novo na cabeça, diante do olhar mais sossegado do gato.

c) Desenlace: ocorre uma situação inesperada e engraçada, como na anedota: a magia não funcionou bem: o chapéu ficou com as asas do passarinho e sai voando. Numa estrutura narrativa sintética dá-se uma trama completa, com concisão, brevidade, reversibilidade de significados etc.

AVENTAL QUE O VENTO LEVA

A situação inicial narra a história de uma menina, Corina, que gosta de brincar com tintas e com terra, por isso usa avental (branco). A situação inicial começa quando Corina pendura o avental num galho de árvore, enquanto brinca. Esta situação se repete diariamente e é expressa pelos verbos no pretérito imperfeito do indicativo, o aspecto reiterativo do verbo. A expressão “um dia”, fórmula dos contos tradicionais, marca o surgimento de um fato que vai romper o equilíbrio da história e dá início ao desenvolvimento: o avental sumiu e ela sai à procura dele. O tempo verbal muda para o pretérito perfeito: “Vento, você viu meu avental?” a partir daí Corina já entrou no mundo da fantasia e passa a conversar e conviver com os animais e a natureza, de modo natural, indagando deles sobre seu avental. Fala com o cabrito que indica a nuvem, fala com a nuvem que aponta o gavião que levará Corina para o meio da mata. Não encontra o avental e volta triste para casa, e o encontra na gaveta do móvel do quarto, bem limpinho, pois a lavadeira o havia encontrado por informação da cachoeira.

Na escola, a leitura do texto literário constituiu uma atividade de síntese: o leitor experimenta o exercício do diálogo com o outro, mantendo a sua subjetividade e respeitando a outro. No espaço escolar o leitor de literatura tem oportunidade de socializar suas experiências, cotejar suas conclusões com as de outros leitores e discutir preferências. A literatura leva esse leitor a refletir sobre seu cotidiano e a incorporar novas experiências. A literatura lida em sala de aula tem, como a escola, uma natureza formativa.

Sua dinâmica atuação sobre o receptor/leitor que apresenta sempre uma mudança de comportamento, após relacionar-se com essas duas instituições.

Uma proposta de leitura sempre atual é a da obra *Desculpe Nossa Falha*, de Ricardo Ramos, uma forma de desmistificar a figura do professor.

A obra literária pode ser atual ou de época passada, sob a ação estimuladora da escola, o leitor faz uma leitura atualizada dela, lendo-a no passado com os valores do seu momento de produção, e no presente, fazendo-a entrar em diálogo com os valores do leitor, e dessa relação dialógica construir-se um novo movimento de significações, sempre aberto e dinâmico. Assim a literatura Infanto-Juvenil tem função formadora, independente de sua utilização pedagógica.

A obra *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos nos mostra ao lado do aspecto estético o caráter pedagógico da obra.

A professora Regina Zilberman relacionando leitura infantil e escola conclui: É esta possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil concede à educação aproveitada em sala de aula na sua natureza ficcional, que aponta a um conhecimento de mundo, e não enquanto súdita do ensino de boas maneiras (de se comportar e ser ou de falar e escrever), ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional. A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta. (ZILBERMAN: 1982, p.25)

A professora Letícia Mallard diz que “O melhor caminho para se aprender literatura é a leitura.” E nós sabemos que se essa leitura é de literatura, podemos garantir que esse leitor sairá beneficiado pela grandeza de informações, conhecimento, reflexões, questionamento, prazer estético e competência lingüística e literária. Pela literatura aprendemos a ler o mundo, adquirimos “a inteligência do mundo”, nas palavras de Paulo Freire; conhecemos os valores e idéias produzidas na cultura e pela cultura; podemos pensar sobre eles, desenvolvendo uma posição crítica e própria.

“Pé de poesia de Wilson Pereira (editora global). O autor nos apresenta um menino perguntador que reorganiza, sem sua cabeça um espaço ideal em que a família, os amigos, e ele próprio teriam seus desejos satisfeitos. Graça Monteiro de Castro afirma que a obra resgata não só o imaginário fantasioso do universo da criança, como propõe um jogo lúdico de invencionice. (MEC/SEF. HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99. Brasília: 2001, p. 251.)

A leitura da literatura nos faculta desenvolver a capacidade de questionar o modo como as coisas são – o modo de ser do mundo e das coisas. E mais que qualquer outro tipo de texto (discurso), o texto literário permite, por seu caráter polissêmico e aberto, que o leitor possa ser “capaz de atribuir-lhe significação, relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia, e dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.” (Lajolo, 1997).

Vejam a atualidade dessa obra de José Carlos Marinho: *O Gênio do Crime*.

É uma história de detetives para crianças... que os adultos adoram! Sem, na verdade, é uma paródia às histórias tradicionais de detetives. Eu visitei uma escola de São Paulo onde o autor estava dando autógrafos e assisti a uma palestra da Fátima Miguez sobre o livro. Ela dizia que: "Os paradigmas tradicionais da história policial são dessacralizados com vistas a uma nova representação crítica dos elementos caracterizadores dessa literatura de suspense. A própria natureza do crime que será investigado na trama narrativa e os personagens detetives encarregados da ação criminosa (...) já promovem uma quebra dos clichês policiais da série literária do passado". (MEC/SEF. HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99. Brasília: 2001, p. 45.)

A literatura infanto-juvenil nos oferece possibilidades infinitas de descobrir o mundo, os outros, os adultos etc. São respostas, novas perguntas. É maravilhamento com uma história bem contada, bem-narrada, bem-escrita. É procura, é busca, é divertimento, é ampliação. (Abramovich, 2004).

É bem oportuna a leitura da obra *Corda Bamba*, de Lygia Bojunga Nunes em que a figura da professora é demolida pela visão da criança, por meio da observação de pormenores ridículos nas atitudes dela.

Um sistema de educação que pretenda investir em qualidade de ensino precisa instituir a necessidade de a escola/ensino refletir sobre as seguintes questões:

- a) É urgente pensar a produção da leitura;
- b) A leitura faz parte do processo de produção do sentido
- c) O sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história;
- d) Tanto os sujeitos quanto os sentidos são determinados historicamente e ideologicamente;
- e) Verificar o fato de que há múltiplos e variados modos de leitura;
- f) A vida intelectual está intimamente relacionada aos modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social.

Os países que tomaram essa decisão deram mostra de alto desenvolvimento científico, tecnológico e social. São hoje países ricos. A crise dos

países pobres é também crise de leitura, na escola e fora dela. Na escola, o papel do professor é decisivo com seu discernimento e consciência transformadora, promovendo a diversidade de textos que possam dar conta das diferentes representações sociais. Todas as pessoas, especialmente as crianças e os jovens podem ser mobilizados para a leitura literária quando encontram nas obras um espaço e um movimento de identificação com seus próprios interesses, por isso na escola, em sala de aula, a ação do professor, a consciência de sua responsabilidade é que vão fazer a diferença.

A professora Regina Zilberman propõe que se adotem procedimentos tradicionais para o processo de leitura que são válidos sempre. Por exemplo:

- a) Inscrever (observar) o texto na época de sua produção;
- b) Observar a relação do texto com o cotidiano do aluno-leitor, com as suas vivências;
- c) Observar o que já foi e vem sendo dito (estudo) sobre aquele texto.

Se o texto é literário, as possibilidades de conhecimento, de fruição [caixa de texto] e liberdade interpretativa são garantia de uma prática de leitura bem sucedida – criativa e crítica.

Por isso o professor precisa compreender que:

- É preciso estabelecer um modelo (modo) de ler literatura;
- É preciso fazer a revisão desse modo de ler, completando ou refazendo a prática;
- É preciso ousadia nas associações para poder flagrar o novo;
- É preciso compreender que o que lemos e como lemos é o que está na obra mais a memória do que já foi lido e conhecido... São experiências (repertório) que devem ser valorizadas e respeitadas na nova experiência de leitura;
- Leitura e conhecimento são indissociáveis.

Para cumprir a meta da qualidade, a escola deverá contar com professores competentes e interessados no processo de transformação do aluno-leitor, com o acesso aos livros e material de leitura e trabalhar para que se estabeleça e se mantenha a coerência nas propostas de ensino. Deverão os professores:

- a) Mostrar interesse pela leitura de livros literários;
- b) Transformar o livro literário em tema de discussão;
- c) Discutir conceitos amplos como: liberdade, trabalho, coragem, medo, democracia, cidadania etc. a partir da análise das personagens e das situações;
- d) Escolher textos relacionados com eventos do calendário escolar, inclusive;
- e) Utilizar fragmentos de texto ou poemas inteiros para estudar e inclusive introduzir assuntos na disciplina;
- f) Fazer leitura coletiva e também em voz alta;
- g) Fazer leitura reflexiva e em silêncio;
- h) Transformar o amor aos livros em tema central das conversas, dentro e fora da sala de aula.



Marina Colasanti

Nasceu em 26 de setembro de 1937, em Asmara (Eritríia), Etiópia. Chegou ao Brasil em 1948. Atuou como colaboradora de periódicos, apresentadora de televisão e roteirista, redatora do Caderno B, cronista, colunista, ilustradora, sub-editora, secretária de texto. Em 1968, foi lançado seu primeiro livro, *Eu Sozinha*; desde então, publicou mais de 30 obras, entre literatura infantil e adulta. Em 1994 ganhou o Prêmio Jabuti de Poesia, por *Rota de Colisão* (1993), e o Prêmio Jabuti Infantil ou Juvenil, por *Ana Z Aonde Vai Você?*. Publicou vários livros de contos, crônicas, poemas e histórias infantis.

Uma pedagogia de leitura da literatura que objetiva a transformação do leitor, e através deste, da sociedade, propõe, ensina e encaminha a descoberta da fruição (prazer) exercida pela obra, na relação de comunicação.

A poesia de Elias José comunica em situação linguística estranha ao adulto, mas favorita de jovens e crianças.

Trata-se de uma série de poemas de trava-língua, isto é, uma "brincadeira verbal, um jogo lingüístico, envolvendo palavras parecidas e que, ditas rapidamente, provocam dificuldade na sua enunciação", segundo o professor Francisco Auélio Ribeiro. Funciona, de início, como brincadeira, mas estimula a percepção de sons e da musicalidade das palavras, essenciais na leitura de poesia. (MEC/SEF. HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99. Brasília: 2001, p. 255.)

Sabemos como é importante o professor ter ou criar o seu próprio gosto pela leitura de literatura e a partir de sua experiência de leitor, estimular e inspirar seus alunos a adotar, também, esta prática. É muito simples essa tarefa, basta que o professor leia com seus alunos, empolgando-se com eles a cada "achado" que o texto lhes proporcionar. Descobrir com os alunos a alegria e a beleza das obras literárias constitui (raros) momentos de felicidade do professor.

Infelizmente, ainda não é comum ver as salas de aula das escolas brasileiras centrarem seu trabalho nessa prática, que em alguns casos, parece incomodar o professor. Mas aquelas escolas (e aqueles professores) que decidem, pelo planejamento pedagógico, investir em atividades de leitura têm melhorado muito o desempenho dos seus alunos e o seu próprio desempenho acadêmico.

Vamos experimentar o prazer da narrativa de *Faca Afurada*, de Bartolomeu Campos de Queirós:

O menino, antes de dormir, "escuta que o pai está preparando e combinando com a mãe uma morte como se fosse um assassinato. Todo o diálogo leva-o, e também o leitor, a acreditar que o pai quer se ver livre da velhinha viúva (avó) que vive com eles e tem dado muito trabalho e preocupação, além de despesas. (MEC/SEF. HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99. Brasília: 2001, p. 144.)

De início pode não parecer importante, mas os bons efeitos ficam visíveis na relação dos alunos com as demais disciplinas, com os colegas, com seus professores e com a própria escola. Sem falar no "poder" que eles (os alunos) adquirem para se comunicar e para, até conseguir trabalho, em casos muito comuns na sociedade brasileira.

A PRÁTICA DE LEITURA LITERÁRIA NO PRÉ-ESCOLAR

O professor é peça chave na “aquisição de leitura” da criança. Ele precisa ser um contador de histórias; fará a leitura do texto para os alunos (que não sabem ainda ler); fará roda de leitura; fará momentos de leitura diários e curtos; ensina a cuidar dos livros. Escolhe obras de ficção narrativa e poesia para a infância.

A partir do 1º ano a criança já pode ser estimulada a escolher e trocar livros com seus colegas. Deve compartilhar sua experiência de leitura e trocar opiniões no grupo de estudos. À medida que avança a idade da criança, os livros devem ficar mais complexos. A criança já pode ler sozinha, e a leitura será feita por partes do livro. A poesia deve ser presença marcante nas aulas, e lida em voz alta pelo professor e em seguida, pelos alunos. Breves recitais de poesia energizam os alunos e os encantam, marcando suas vidas, inclusive fora da escola. Muitos bons escritores iniciaram sua experiência nas salas de aula da escola.

É muito interessante ler com os alunos a obra de Ângela Lago, *Outra vez...*, composta só de ilustrações que vão estimular o senso estético e a imaginação criadora da criança.

Ler literatura, e sobre a própria literatura já pode ser estimulado a partir do 6º ano. Observar os recursos estilísticos, os estilos literários, as temáticas desenvolvidas pelas obras e o modo de ser da linguagem literária são atividades que, se bem orientadas e amadas pelo professor, tornam-se para as crianças e jovens atividades lúdicas, prazerosas e muito gratificantes, além de promover atitudes de autonomia no processo de aprendizagem.

Lá pelos 8º e 9º anos, o professor exerce o papel de orientador de leitura, coordenador do processo, e os alunos fazem todo o trabalho com disposição e criatividade. E isto não é sonho de professor iniciante, é experiência de quem apostou sua vida “útil” na idéia de que o ensino e a educação bem conduzidos transformam, para melhor, a vida das pessoas.

Vamos experimentar ler a pequena obra *Uma idéia toda azul* da escritora **Marina Colasanti**.

“Os contos revelam os mistérios da alma humana, colhidos na realidade interna que carregamos, trazendo muitas vezes a linguagem do inconsciente, dos sonhos, da fantasia - que habita o território do imaginário, daquilo que nos distingue dos outros animais. É essa capacidade de fantasiar, de criar, que pode ser explorada a partir da leitura de uma idéia toda azul”.

(MEC/SEF. HISTÓRIAS E HISTÓRIAS: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/99. Brasília: 2001, p. 47.)

Para o sucesso do trabalho, o professor precisa ler as obra antes de fazer a indicação delas para leitura. E se quiser fazer uma experiência diferente, pode combinar com seus alunos de turmas mais adiantadas, fazer a leitura de obras recentes, novas para todos, inclusive do professor. Incluir-se como um leitor “novato” e descobrir junto com eles as maravilhas daquela experiência de leitura. Mas isso precisa constar no planejamento, precisa ser uma atividade planejada e explicada aos alunos para promover a confiança deles e garantir o respeito pelo trabalho que desenvolve com eles.

O escritor brasileiro Ziraldo, autor de *Menino Maluquinho*, entre tantos outros livros literários propõe “9 formas de estimular a leitura”. Foca especialmente a criança, de quem diz: “A criança deve ler de tudo. Gibis! Livros! Qualquer livro!”; são sugestões que Ziraldo dá aos pais ou responsáveis.



ATIVIDADES

1. Escolha uma obra literária juvenil (para leitor entre 10 e 14 anos) da literatura brasileira moderna, e escreva uma pequena resenha entre 20 e 30, comentando a temática, a linguagem e a contribuição da obra para a literatura brasileira.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Observe os passos necessários para fazer uma resenha crítica. Os livros de Metodologia Científica trazem boa orientação.

2. Linguagem: escolha uma obra de Ana Maria Machado, selecione um aspecto de sua temática e escreva um texto de no mínimo 20 linhas, comentando a importância de a literatura infantil abordar aquele tema.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Se for escolhido o aspecto temático: violência, ética, drogas, relações humanas etc., ele deverá ser fundamentado com leituras referentes ao tema. O seu texto deve ser argumentativo e conter e conter a seguinte estrutura: Introdução (tópico frasal), Desenvolvimento (articulação de argumentos) e Conclusão (retomada da idéia inicial e fechamento da proposta). Deve rever a estrutura do texto argumentativo.

3. Leia o livro *Uma idéia toda azul*, da escritora Marina Colasanti, e discuta o problema dos limites entre o discurso da prosa e o discurso poético.

4. Escreva na forma argumentativa para ter oportunidade de concluir com liberdade de posicionar-se diante da questão. Uma releitura da Teoria Literária é bem oportuna.

Leia o poema *Anoitecer* de Cecília Meireles e faça uma análise crítica da:

- a. Estrutura do poema
- b. Linguagem do poema
- c. Temática do poema

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para analisar a estrutura do poema, observe:

- Aspecto gráfico
- Aspecto sonoro
- Aspecto rímico

Para analisar a linguagem observe:

- Escolha das palavras (a seleção vocabular)
- As palavras-chave (as mais repetidas)
- Os tipos de discurso (lúdico, informativo, científico polêmico)
- As figuras de linguagem e o estilo

Para analisar a temática, observe:

- As palavras-chave (os “motivos”)
- As idéias-chave (as idéias principais)
- A presença de elementos históricos e sociais (culturais).

CONCLUSÃO

A literatura já tem naturalmente uma força transformadora, vivenciada na escola ela se torna um elemento propulsor de mudanças – de atitudes, de posturas, de gostos, e decisões de vida. Muitas obras, gêneros literários variados e autores diversificados devem presidir a seleção de obras para o espaço escolar: salas de aula, bibliotecas, salas de leituras, “para o cantinho também”.

Aliado à diversidade e à pluralidade de textos, é preciso explicitar os critérios de indicação desses textos. Por que esta e não aquela obra? Este autor e não aquele? Esta editora e não outra? Mas acima de tudo, deve ser diversificada e plural a leitura do texto. Deve ser respeitada a forma como cada leitor faz a sua leitura do texto, porque o texto literário é plurissignificativo e aberto à compreensão e interpretação personalizada. A leitura do professor é apenas “mais uma leitura”, e não a leitura por excelência, acima de qualquer outra. E a escola por meio da sua proposta pedagógica deverá garantir esse processo de formação democrática, iniciado na simplicidade de práticas lúdicas, pedagógicas e estéticas.



RESUMO

O principal entrave para a aquisição da prática de leitura para a criança é, na maioria das vezes, o livro que é destinado a elas. Na verdade, quando se designa essa atividade para os pequenos não se pensa no aspecto principal para que ela surta o efeito desejado: o prazer com a leitura. A escolha de livros, temas e a forma como a leitura é conduzida é fundamental para que a criança desenvolva o hábito sistemático de ler. Isso não é, porém, tudo para que haja êxito nessa tarefa. O professor de crianças tem um papel fundamental na relação que a criança terá com o livro, com a análise de textos, com o gosto pela literatura, pela poesia por toda a vida. É o professor quem apresentará a criança ao livro, a bons textos, a histórias que marcarão toda a sua experiência de vida. Grande é, então, a sua responsabilidade. E ela vai além da simples escolha de um livro. Na verdade, só fomenta em alguém o gosto pela leitura quem o tem. Partindo, pois, dessa premissa há todo um planejamento de leitura: o que ler, como ler, onde ler. Ao professor cabe o papel de facilitador, de emissor e de ator dessa ação. É a partir da sua leitura, às vezes, que a criança viajará pelas histórias; mas é também pela sugestão dos pequenos que ambos, professor e aluno, extrairão das páginas de novos livros conhecimento, diversão, prazer, vida, enfim.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula veremos um breve panorama da literatura infanto-juvenil Brasileira dos precursores ao Pré-Modernismo

AUTOAVALIAÇÃO

Sou capaz de utilizar a literatura infanto-juvenil como instrumento de estímulo ao gosto da leitura?

Consigo desenvolver propostas de aulas que incluam a prática da leitura crítica na escola?



REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. LITERATURA INFANTIL: Teoria, Análise, Didática. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1999.

FARIA, Maria Alice. Como usar a Literatura Infantil na Sala de Aula. São Paulo: contexto, 2004.

_____. Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam. São Paulo: Contexto, 1999.

GERALDI, Wanderlei. A leitura na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa et alii (org. ZILBERMAN Regina). Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

PERROTTI, Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo: ICON, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Criticidade e leitura. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro. Literatura e pedagogia; ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. 2ª Ed. São Paulo: Contexto: 1991.

_____. Literatura Infantil na escola. 2ª Ed. São Paulo: Global, 1982.

http://www.ipleiria.pt/portal/ipleiria?p_id=60455

http://omundodemarinacolasanti.blogspot.com/2008/09/biografia_25.html